



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

Coordenação-Geral de Comunicação Social
Clipping 60/18 – Quarta-feira, 04 de abril



Jornal Diário do Amazonas

Produção de TV no PIM ajuda alta industrial – 03

Jornal do Commercio

Capa – 04

Amazonas deixa de faturar R\$ 50 milhões – 05





Expansão Para o IBGE, o crescimento de 41% nas linhas de televisores em fevereiro, em relação a igual mês de 2017, é explicado pela Copa do Mundo. No País, a indústria no primeiro bimestre evoluiu 4,3%

Atividade O aumento da produção de Bens Duráveis foi impulsionado pelas TVs

Sandro Peneira

Da redação com Agência Brasil
redacao@diarioam.com.br

Manaus

O aumento de 41,1% na produção de televisores do Polo Industrial de Manaus (PIM) em ano da Copa do Mundo ajudou fortemente no crescimento da atividade industrial do País, em fevereiro, em comparação a igual mês do ano passado. De acordo com os dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no primeiro bimestre, a produção brasileira cresceu

4,3%, a maior alta no período desde 2011.

O estudo indicou que, entre os Bens de Consumo Duráveis, categoria que abrange o segmento de eletroeletrônicos e o setor automobilístico, um dos destaques foi o aumento da produção de televisores.

De acordo com o gerente da pesquisa, André Macedo, "esse crescimento já era esperado, porque, tradicionalmente, há uma produção expressiva de TVs nos três meses antes da Copa do Mundo", que começa em junho, na Rússia, para terminar em julho.

Para o Macedo, de modo geral, "o aumento na massa sa-

larial, a melhora gradual nos índices de ocupação e a redução das taxas de juros do comércio são fatores que ajudaram na melhora da indústria nesses últimos meses".

De acordo com o IBGE, o crescimento de 2,8% na comparação fevereiro 2018 sobre igual mês do ano passado representou a décima taxa positiva consecutiva, impulsionada pela alta de 15,6% na produção de Bens de Consumo Duráveis. Já o acumulado nos últimos 12 meses avançou 3%, também o melhor resultado desde os 3,6% de junho de 2011.

Os dados indicam que o crescimento de fevereiro

ocorre depois de uma queda de 2,2% em janeiro, comparativamente a dezembro do ano passado, interrompendo uma série de quatro resultados positivos consecutivos.

O crescimento de 4,3% no índice acumulado da indústria nos dois primeiros meses deste ano, diante de igual período de 2017, reflete resultados positivos nas quatro grandes categorias econômicas, 21 dos 26 ramos, 57 dos 79 grupos e 57,4% dos 805 produtos pesquisados pelo IBGE.

Entre as grandes categorias econômicas, o perfil dos resultados para o primeiro bimestre do ano mostrou maior dinamismo para Bens de Con-

sumo Duráveis, com expansão de 17,9%, e Bens de Capital: 12,6%. No caso dos Bens de Consumo Duráveis, o impulso, em grande parte, veio da ampliação na fabricação de automóveis (14,4%) e de 26,5% na de eletrodomésticos.

No caso de Bens de Capital, a influência ficou por conta de equipamentos de transporte, com expansão de 22,7%, para construção (65,7%) e de uso misto (24,7%). Os setores de Bens Intermediários (2,9%) e de Bens de Consumo Semi e Não Duráveis (2,2%) também acumularam taxas positivas no ano, embora abaixo da média nacional de 4,3%.

Setor de fibras busca saída para crise

A produção de juta e malva enfrenta crise no Amazonas. Para se ter uma ideia, em 2017, as importações do complexo juta/malva atingiram a marca de 6,7 mil toneladas contra 9,9 mil toneladas

geradas no ano anterior. Somente em dois anos, o interior do Estado deixou de movimentar aproximadamente R\$ 50 milhões. Os dados são da pesquisa "Observações Juta/Malva - Importações 2017", do consultor técnico Ivo Naves.

Na avaliação do presidente da Faea (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Amazonas), Muni Lourenço, de fato a produção de fibras tem mostrado uma trajetória descendente na região.

POLÍTICA

Página A5

04



Coordenação-Geral de Comunicação Social
4 de abril de 2018

Produção de juta / malva no interior do Estado do Amazonas registra queda, aponta pesquisa

Amazonas deixa de faturar R\$ 50 milhões

HELLEN MIRANDA
hmiranda@jcam.com.br

Mesmo com o título de maior produtor de juta e malva do país, a produção da atividade tem registrado queda no Amazonas, segundo dados da pesquisa "Observação Juta/Malva - Importações 2017", do consultor técnico Ivo Naves.

Os registros apontam que o interior do Estado deixou de movimentar cerca de R\$ 50 milhões. Em 2017, as importações do produto atingiram a marca de 6,7 mil toneladas contra 9,9 mil toneladas geradas no ano anterior. Atualmente, existem entre 10 a 20 mil produtores rurais que fazem a colheita das fibras às margens dos rios.

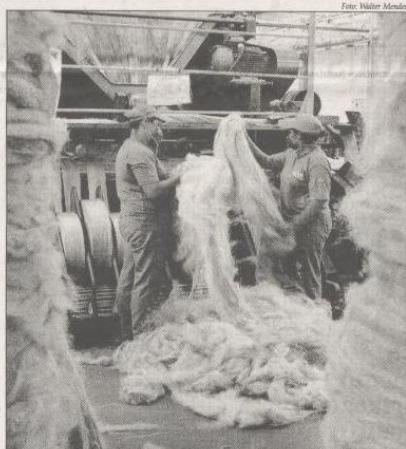
Na avaliação do presidente da Faea (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Amazonas), Muni Lourenço, de fato a produção de fibras tem mostrado uma trajetória descendente na região. Ele lamenta que embora a produção de fibras têxteis tenha ganhado

espaço no mercado em substituição aos populares sacos plásticos, o Amazonas não acompanhou essa tendência.

"Esse fator impulsiona a importação da matéria-prima oriunda de outros países, principalmente do sudeste asiático. Ao nosso ver é uma vulnerabilidade. Temos uma crescente demanda por produtos orgânicos como as embalagens ecológicas

camente corretas, usadas boa parte no café, cebola e batata, que se fossem feitas aqui a partir dessas duas plantas, poderiam estar gerando emprego e renda para o produtor local", afirma Muni.

Para o presidente, um conjunto de fatores tem contribuído para o encolhimento da produção de fibras no Amazonas, entre eles, a questão climática da região. "A fibra é produzida em áreas de várzea, que no Amazonas são imensas, mas que são duramente atingidas pelas grandes cheias", disse. O Estado detém cerca de 24 milhões de hectares de áreas de várzea, que além da juta e malva, também são usadas em outros cultivos, como de



Importações do produto atingiu 6,7 mil toneladas em 2017

mandioca e criação de animais. Além disso, Muni cita ainda a necessidade de políticas públicas viáveis voltadas para a atividade. "É preciso ter o fortalecimento de apoio à viabilização ao acesso de sementes naturais e do pagamento da subvenção ao produtor. Também é importante a substituição de sacos plásticos pela sacaria de fibras naturais

nos estoques públicos, que já tem um decreto federal, onde estabelece a prioridade nas compras desse produto sustentável", destaca.

Ele ressaltou ainda que para projetar a produção e demanda

deste ano, é preciso aguardar a concretização de algumas ações importantes. "Tem o início do programa de substituição por sacos de fibras da Conab e a

questão da inclusão de sementes de fibras naturais no PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) do governo federal, que poderão mudar essa trajetória de queda", prevê.

O Programa de Aquisição de Alimentos foi criado em 2003 com o objetivo de adquirir diretamente dos agricultores familiares produtos para formação de estoques estratégicos e distribuição à população. Em 2015, o governo autorizou a inclusão das sementes como nova modalidade do programa.

"Outro fator fundamental para a revitalização da cadeia produtiva, que são os investimentos em tecnologias com intuito de melhorar a produtividade das fibras naturais para o uso em outros segmentos, como da construção civil e medicina. Além disso, pretendemos desenvolver uma máquina para atender a atividade em terra firme, porque ainda temos um trabalho anfíbio, onde dentro d'água podem haver acidentes e doenças", acrescenta Muni.

Autossuficiente na produção

Segundo o ex-superintendente da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) e especialista do setor de agronegócio, Thomaz Meirelles, a safra deste ano deve chegar apenas a 3 mil toneladas, quando precisaria de 15 mil para

atender a demanda local. "Com investimentos de apenas R\$ 3 milhões, por exemplo, a cadeia da malva ganharia impulso e começaria a movimentar economia. Mas falta prioridade dos gestores para o setor primário, ainda somos voltados para o PIM (Polo Industrial de Manaus)", frisa.

Ele defende que é preciso ter um olhar "carinhoso" para a revitalização da atividade. "Parece que a atual gestão do governo vai fazer algo para levantar a produção, tanto que o primeiro passo foi dado em Brasília, onde foi anunciado que o Amazonas vai voltar a comprar semente do Pará. É um bom sinal, já que se isso não acontecer, a tendência é acabar com ela", sentencia.

Thomaz lembrou que pela falta de produção local, tem indústrias comprando a matéria-prima do outro lado do mundo, principalmente de países como Bangladesh e Índia. "Estamos abrindo mão dessa atividade e deixamos de movimentar no interior cerca de R\$ 50 milhões, podendo esse dinheiro ficar na economia dos municípios envolvidos com ela", afirma. O especialista defende também a atualização do pagamento da subvenção adicional, que hoje é R\$ 0,40 kg, além de apoiar as iniciativas da Ufam e Embrapa na produção interna de sementes.